

Crítica // Eddington ★★

DEDO NA CARA E GRITARIA

Eddington:
nem Joaquin
Phoenix nem
Pedro Pascal
salvam

SQUARE PEG FILMS / DIVULGAÇÃO



FILME
DIRIGIDO POR
ARI ASTER PROJETA
UM PAINEL EXPLOSIVO
DE UMA PEQUENA
CIDADE FRONTEIRIÇA
DOS ESTADOS
UNIDOS

Ricardo Daehn

O ódio nas redes sociais, nativos em conflito (velado) no Novo México, justicamento e um sobrevoo na obrigatoriedade do isolamento diante do descontrole com a Covid-19. O painel do diretor Ari Aster parece suculento, com direito até ao registro do armamento de cidadãos; mas, pouco a pouco, se tem a impressão de que resulta no peso daquelas mensagens nada interessantes que você deixa de lado no celular.

Aliado ao excesso de personagens, e a um foco nada centrado, o roteiro engatinha em psicologismos e autoanálises da fauna de tipos e demonstra fragilidade, ao estourar numa tela grande de cinema.

Joaquin Phoenix tenta carregar Eddington nas costas, na pele do xerife Joe, em atrito

constante com o prefeito interpretado por Pedro Pascal (a meio termo de desinteresse completo), o pai solteiro Ted, surpreendido pelo sumiço da esposa, e que acalenta rusgas com Joe. Emma Stone se confirma opaca, à frente da personagem que acirra o conflito entre os dois homens.

No lugar do marasmo típico da cidade retratada por Robert Altman, em A fortuna de Cookie (1998), Ari Aster apimenta o pretensioso longa com um furacão humano, disposto pela contrariedade coletiva diante da morte de George Floyd (em Minneapolis). Crimes se evidenciam em Eddington, por complicações políticas, pela virtual impunidade assegurada aos privilegiados e ainda por rastros de racismo e pedofilia.

Na colcha de retalhos promovida pelo longa de Ari

Aster, os destaques ficam para a atriz associada às fitas de Charlie Kaufman, Deirdre O'Connell, no papel da sogra amalucada de Joe e para Vernon Peak (Austin Butler), com discurso de altas libertações sociais. Entre uma manançaça prenunciada, o resultado conspira para um faroeste moderno, aos moldes de Quentin Tarantino (mas que não se resolve) em que as máscaras cabem (ou não) na pele de transtornados sofredores da pandemia.

Trilogia do ilusionismo

João Pedro Alves

Como continuação da saga de truques e reviravoltas, os Quatro Cavaleiros, interpretados por Jesse Eisenberg, Woody Harrelson, Dave Franco e Isla Fisher, voltam ao cinema. Dessa vez, em Truque de mestre - O 3º Ato, o grupo desafia ilusionistas em um passe de mágica que envolve a joia mais valiosa do mundo.

Ruben Fleischer (Zumbilândia; Venom; Uncharted - Fora do Mapa) dirige o filme, que também tem no elenco Morgan Freeman, Ariana Greenblatt, Dominic Sessa, Rosamund Pike e Justice Smith.

A história se desenvolve a partir do encontro do quarteto com uma nova geração de mágicos. Juntos, eles atuam para derrubar uma família que controla

KATALIN VERMES



Dominic Sessa, Jesse Eisenberg, Isla Fisher e Justice Smith são os Quatro Cavaleiros

empresa corrupta, responsável por lavar dinheiro de

criminosos. O filme encerra hiato de nove anos entre o

último lançamento da franquia, Truque de mestre 2, realizado em 2016. O roteiro é assinado por Michael Leslie (Jogos Vorazes: A Cantiga dos Pássaros e das Serpentes), Rhett Reese (Deadpool & Wolverine) e Seth Grahame-Smith (Os Fantasma Ainda se Divertem: Beetlejuice Beetlejuice).